



Nuno António Bravo Mira Vaz
277/1950

Com a devida vénia, a equipa do UTW transcreve texto da autoria do Coronel de Cavalaria Pára-Quedista Nuno António Bravo Mira Vaz, publicado na Revista 'ZacatraZ' n.º 187, de Abril/Junho 2012, pág.s 45 a 47

Antigos Alunos nas Tropas Pára-quedistas

Joaquim Manuel Trigo Mensurado
(252/1946)



Lembro-me muito bem do Mensurado no Colégio. Estava eu no 3.º ano e ele era "só" comandante da 4.º e capitão da equipa de futebol. Um ídolo para a miudagem.

Curiosamente, sendo ambos oficiais pára-quedistas durante cerca de trinta anos, só trabalhámos juntos em dois períodos muito curtos: quatro meses em 1972/73, durante o Curso de Promoção a Oficial Superior, e menos de dois meses, entre Janeiro e Março de 1975. Mas embora longe, sempre ia tendo notícias dele.

Sei que continuou, por muitos anos, exímio praticante de todos os desportos colectivos tradicionais, com destaque para o futebol. Porém, como ele próprio recorda neste número da ZacatraZ, o tempo disponível para futebolis nunca mais foi igual àquele de que dispunha, quando jovem alferes, no Batalhão de Caçadores Pára-quedistas, mesmo tendo em conta que o desporto era de prática diária obrigatória nas Tropas Pára-quedistas.



Equipa de Futebol campeã em 1953/1954

1.º plano - *Branco, Graça, Sampaio, Mensurado, Pardal*

2.º plano - *Caeiro, Patrício, Figueira, Passo, Ferreira, Nogueira, Antunes, Cap Simões*

Partiu pela primeira vez para África em 1959 e só voltou à Metrópole nos curtos intervalos entre comissões de serviço, que foram mais cinco, das quais três em Angola, sua terra natal (era natural de Novo Redondo), uma em Moçambique e uma na Guiné, onde se encontrava no dia 25 de Abril de 1974. Que me lembre, é o oficial para-quedista que cumpriu mais comissões de serviço durante as Guerras de África.

Foi justamente no imenso território da sua Angola natal que teve a oportunidade de planejar e conduzir algumas das mais empolgante e rentáveis operações de combate, conhecidas do vulgo como "*saltos de rã*". Com o amigo



Major Piloto-Aviador Luís Almada de Oliveira (125/1945), no comando dos meios aéreos, o Major Mensurado conduziu com sagacidade, maestria e elevado sentido do dever, as subunidades do Batalhão de Caçadores Pára-quedistas n.º 21 nas difícilimas acções de pistagem que permitiam determinar as posições dos grupos guerrilheiros, os quais eram posteriormente obrigados a travar combate com os pára-quedistas.

Os últimos anos da sua vida militar activa foram bastante complicados, conforme ele próprio relata neste número. Um desses episódios envolveu-nos a ambos. Recentemente regressados de África - ele da Guiné e eu de Moçambique - fomos colocados pelo Comandante do Regimento de Caçadores Pára-Quedistas, o então Coronel Rafael Durão (11/1941), no Batalhão Operacional, ele como comandante e eu como 2.º comandante. Em breve estávamos envolvidos nas ainda hoje mal explicadas peripécias do 11 de Março de 1975 e afastados do serviço activo. Para mim, episodicamente. Para ele, foi infelizmente o toque de finados como militar profissional.

A reforma permitiu-lhe, porém, dedicar-se à escrita. O seu primeiro livro, *Que nunca por vencidos se conheçam*, é um relato intimista sobre a forma como se relacionou com alguns superiores hierárquicos e um retrato cru de alguns homens em situações-limite. No segundo, *Os Paras na*

guerra, conta alguns episódios mais significativos da sua actividade operacional, com destaque para um tipo muito especial de operações de combate, conhecidas como "saltos de rã", das quais ele foi um dos mais reputados especialistas e impulsionadores.

Texto que se segue é da autoria do Coronel de Infantaria Pára-Quedista
Joaquim Manuel Trigo Mira Mensurado

O Nuno Mira Vaz (277/1950) nomeou-me escritor, que não sou, para a *ZacatraZ*.

Aqui estou, por isso, a alinhar meia dúzia de palavras para cumprir as suas ordens, pois eu não passei de um quase soldado raso, saneado em TEN.COR., por não ser "*persona grata*" ao regime, então vigente.

Passei no Colégio Militar os melhores anos da minha juventude. Ali cimentei amizades indestrutíveis para toda a vida e ali tive as minhas maiores alegrias.



É verdade que escrevi dois livros: no primeiro "*Que nunca por vencidos se conheçam*" contava as verdades nuas e cruas sobre alguns superiores hierárquicos; no segundo "*Os Páras na guerra*" contava alguns episódios da minha passagem pela guerra.

O descrito no primeiro livro, do qual há muitas testemunhas presenciais (cerca de duzentas ou mais), transmite apenas a minha lealdade ao COR. PARA Rafael Ferreira Durão (11/1941), que era imensa, e só isso me moveu, para além das posteriores deslealdades que recebi e que foram muitas.

Do segundo livro recebi bastantes elogios, que guardo para mim, e que foram muito gratificantes.

Entrei nas Tropas Pára-quedistas em 1959 e éramos, então, muito poucos, num simples Batalhão que começava o dia com uma aula de ginástica, todos em tronco nu, oficiais, sargentos e praças, fosse qual fosse o tempo, e em que o oficial instrutor era nomeado em ordem de serviço. E quando a messe de oficiais era ainda uma simples barraca

de campanha.

Vivia-se, naquele tempo, um ambiente de sã camaradagem em que o convívio era bastante agradável e amigável; com muito desporto, vencíamos quase todos os campeonatos da Força Aérea, de futebol, voleibol, basquetebol, andebol e tiro, além da prática de pára-quedismo de que éramos pioneiros em Portugal.

A minha vida nas Tropas Pára-quedistas, tirando os desagradáveis episódios finais, foi muito realizadora e recompensadora, de que me orgulho, bem como dos meus abnegados soldados que sempre me acompanharam sem hesitações.

Os episódios que mais me comoveram foram a morte do TEN. PÁRA António Manuel Pinto Assoreira (220/1951), sobre o qual escrevi uma dedicatória no jornal "*O boina verde*" que publicávamos em Luanda, e que não sei se ainda existe; e dos soldado Páras recorro em especial o Braga, que recebeu um tiro certo no coração, sem se saber de onde, e o "*Quir-Quir*", ferido gravemente e que, já fora de perigo, no hospital, se desentubou para ir atrás de uma enfermeira e morreu.

Cumpri seis comissões de serviço no Ultramar: uma em Angola, antes da guerra, antes de entrar para as Tropas Pára-quedistas. Já havia problemas na fronteira, tendo permanecido de reforço com dois pelotões do Exército, sem que nada de especial haja para contar, além das habituais pitorescas histórias coloniais.

Após entrar, em NOV 59, nas Tropas Pára-quedistas cumpri, depois de 61, três comissões em Angola. Refiro-me a elas, com alguns episódios passados na guerra, nos livros que escrevi, e uma em Moçambique, sobre a qual nada escrevi, por não ser interessante falar de mortos, quando não havia *helis* para os evacuar em tempo útil.

Na última comissão, 73/74 na Guiné, estive a comandar interinamente um Batalhão de Pára-quedistas, uma função que me realizou bastante, tendo criado ali boas amizades.

Por fim, posso afirmar que gostei de colaborar com o 25 de Abril, e que me orgulho do bom trabalho então realizado.

Joaquim Manuel Trigo Mira Mensurado
252/1946

Saltos de Rã

É um tipo de operação anti-guerrilha especialmente indicada para executar em zonas de terreno aberto ou com clareiras e que exige muita determinação e espírito de missão por parte dos executantes. A coragem do combatente é igualmente um factor determinante do sucesso, pois o inimigo, tendo sido encurralado e consciente de que não tem escapatória, reagirá provavelmente com a máxima violência.

Na hora do combate decisivo, quando não pode haver hesitação ou recuo, a coragem é o ingrediente diferenciador.

A primeira acção de planeamento consiste em definir duas linhas paralelas que assinalam o início e o fim previstos para a operação: suficientemente afastadas entre si para permitir espaço de manobra e perpendiculares ao rumo previsto para o deslocamento dos guerrilheiros. A primeira linha pode coincidir com a fronteira; a segunda, no interior do território nacional,

montada sempre que possível sobre um obstáculo difícil de transpor, podendo ser um rio de grande caudal ou uma escarpa. Na ausência de obstáculo com estas características, pode-se recorrer a um dispositivo de emboscada montada por forças amigas. Neste tipo de operação, o emprego de pisteiros é essencial, pois são eles quem referencia os locais de passagem das colunas inimigas, determinando igualmente há quanto tempo se verificou essa passagem. E para se conseguir uma



boa mobilidade dos pisteiros, que lhes permita reduzir progressivamente o atraso em relação ao grupo que perseguem, é indispensável o recurso ao helitransporte.

Em cada "*solto de rã*" encurta-se a distância para os guerrilheiros, o que permitirá, em determinada altura, cair em cima do grupo perseguido com tropas sempre frescas. Desse modo, pode-se escolher o local e a hora do embate final, em terreno favorável às nossas tropas e com o apoio do helicóptero. A partir do momento em que é detectada, ou denunciada, a travessia da fronteira por um grupo de guerrilha, os pisteiros são helitransportados para a zona, à procura de indícios da passagem; uma vez confirmada esta, inicia-se a perseguição segundo o rumo mais provável em cada situação concreta, com uma amplitude de quinze graus para cada lado desse rumo. Este sector de actuação pode ser corrigido em função de informações colhidas no terreno.

Então, junto das primeiras pegadas dos guerrilheiros detectadas pelos pisteiros, será colocado um grupo de combate helitransportado, bem como uma equipa de pisteiros para poderem seguir o rasto.

Alguns quilómetros mais à frente e dentro do sector zonado na amplitude de 15 graus em relação ao rumo inicialmente definido, os pisteiros, de novo helitransportados e protegidos por um ou dois helicópteros, efectuarão novas pesquisas no solo, até se encontrarem novas pegadas; nesse local, será colocado de novo um grupo de combate helitransportado, com a convicção de que se encontrará muito mais perto do grupo inimigo do que na colocação anterior. Nesta altura, o primeiro grupo de combate é mandado parar, emboscando no local, aguardando um eventual retrocesso do grupo inimigo sobre o mesmo itinerário da ida.

Se tudo correr como planeado, a procura do grupo inimigo continuará, através de saltos para a frente que encurtarão inexoravelmente a distância entre perseguidos e perseguidores, até ao momento em que se considere iminente o encontro. Então, devem reforçar-se os cuidados na utilização dos meios empenhados, tanto em terra como no ar, sendo desejável aumentar os efectivos de uns e de outros, em ordem a alcançar a relação mais favorável entre os potenciais de combate das nossas tropas e do inimigo. Note-se, ainda, que as acções de combate, desencadeadas em situação de extremo acosso, aconselham que os grupos de combate recebam apoio consistente por parte dos helicópteros.

Pode acontecer que o grupo inimigo, ou a parte dele que conseguir escapar dos referidos combates, tome o caminho de volta sobre o itinerário utilizado na ida. Se tal acontecer, os guerrilheiros irão esbarrar nas emboscadas montadas pelos nossos grupos de combate que se deslocam em segundo escalão, e que permanecem nos locais mais indicados para essa finalidade. O sucesso das operações "*salto de rã*" pode pois ser alcançado em ambos os sentidos. Esta circunstância torna-as num dos tipos de acção militar mais rentáveis, para além de representarem um fortíssimo factor de desmoralização do inimigo.

Bibliografia - Livros publicados pelo Joaquim Mira Mensurado

"Que nunca por vencidos se conheçam"
Lusolivre, Lda. Lisboa 1993.

"Os Páras na Guerra (1961-63 1968-72)
Prefácio-Edição de Livros e Revistas - 2002.
ISBN: 972-8563-74-4